

Um grande amigo recomendou e insistiu que eu lesse *Partículas elementares*, livro de sucesso do escritor francês Michel Houellbecq. Pedi o livro num sebo recomendado pelo site Estante Virtual e recebi entrega errada. Eles me mandaram *Plataforma*, do mesmo autor, que foi publicado aqui no Brasil em 2002 pela Record, com tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. Não fez mal, foi até melhor assim; *Plataforma* é um excelente livro, que me instigou a prosseguir na leitura até o final.

A maior parte da ação se passa na Tailândia. A obra é toda uma grande apologia à prostituição e ao turismo sexual. É nesse contexto que o narrador, um quarentão celibatário, encontra Valérie, finalmente um amor gratificante em sua vida com sentido. Juntos fazem planos de viverem felizes para sempre administrando um luxuoso resort em Krabi, concebido especialmente para satisfazer as profundas necessidades fetivas dos europeus. A ideia bomba – literalmente. É preciso ler o livro. Nele, as tailandesas são retratadas como belas, generosas, doces e inigualáveis na arte do prazer. Todo mundo sabe que elas são amantes maravilhosas. Hummm... Deu vontade de ir para a Tailândia, conferir a informação. Mas espera lá, Houellbecq diz que as prostitutas brasileiras também são excelentes... e eu mesmo disse isso na última crônica. Mas como o narrador de *Plataformas* sabe disso? E como eu sei? É preciso ter certeza.

Quando de espírito profissional, peguei a grana que recebi do alma pela crônica do carnaval e fui para a internet atrás de uma garota de programa que promettesse ser isso: bela, generosa, doce e inigualável na arte do prazer. Não foi difícil de achar, a oferta é grande – o mercado deve ser mesmo bem aquecido neste ramo. Liguei para a Pérola, uma negra, 22 anos, as fotos dela pareciam legais. Sua voz era doce, amistosa. Pediu 250, mais o motel. Achei caro, pedi um desconto. Fechamos por 200.

divulgação

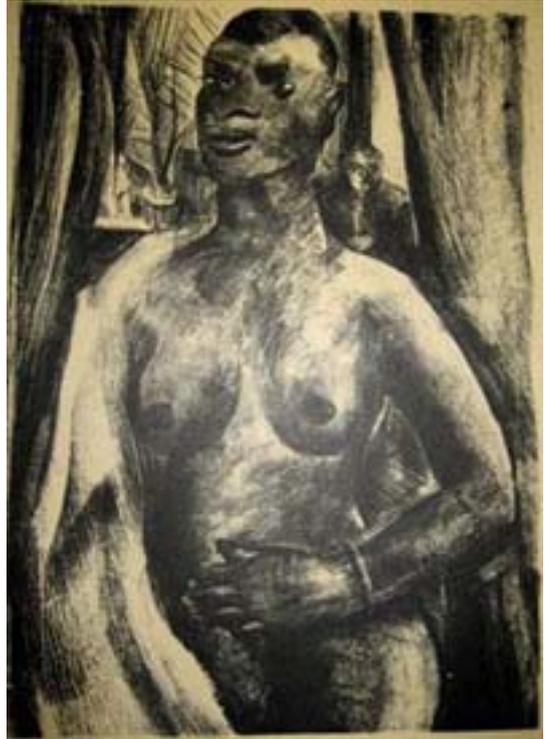


O escritor Michel Houellebecq

O combinado era eu pegá-la de carro, num determinado ponto de ônibus. Quando cheguei, logo a reconheci, em pé, com um guarda-chuva. Quase passei adiante, ela me chamou a atenção! Tinha um nariz chato e cabelo chapinha. Não obstante de nariz chato nem sou muito fã de cabelo chapinha, mas achei muita falta de cortesia simplesmente deixar a garota plantada lá e dar no pé, então encostei e abri a porta. Ela entrou com um enorme sorriso e, naqueles constrangedores momentos de espera no motel, foi o mais doce possível. Pegou minhas mãos e disse, aparentando total sinceridade: “Que mãos mais lindas! O que você faz?”.

Pérola era mesmo doce, e, se não era bonita de rosto, seu corpo era perfeito. Aliás, do umbigo pra baixo seu corpo era divino. Mantive-a de costas quase o tempo todo, e isso, somado à penumbra do quarto, eliminou qualquer incômodo estético da minha parte. Da parte dela, parecia que éramos amantes há muitos anos. Nos momentos “generosidade” e “inigualável na arte do prazer” não tive dificuldade de reconhecer que ela foi formidável. Gozamos uma vez e descansamos. Sim, caro leitor, você leu certo: gozamos. Pérola gozou e aquilo não foi fingimento. Senti-me levemente indignado: ei, eu pensei, você está trabalhando, não pode gozar no trabalho, que avacalhão é essa? Pensei em pedir mais um desconto. Então quer dizer que aquele ditado é verdade: no Brasil, puta goza? Pelo menos a Pérola gozou, e agora estava deitada sobre meu peito, como se fôssemos namorados.

Perguntei sobre a vida dela. Disse que era muito carola, freqüentava a missa, engravidou aos 17 e não quis tirar. Hoje pensa diferente, já não acredita na Igreja. Sua família não quis apoiá-la e pensou em se matar. Seus olhos se encheram de lágrimas. Meus olhos se encheram de lágrimas. Transamos de novo. Desta vez, só eu gozei. Vimos alguns filmes pornô, tomamos um banho e fomos embora. Nenhum dos dois estava com muita pressa. Dei-lhe quatro notas de cinquenta: ela merecia receber aquele dinheiro e eu merecia pagá-lo. Fomos de mãos dadas, dirigindo, até o mesmo ponto de ônibus, onde eu a deixei com um selinho e votos mútuos de felicidade. Já não chovia. “O que você acha da vida, Pérola?”, perguntei (esse não era seu nome verdadeiro, claro, o verdadeiro ela me disse, mas não vou revelar pra você, e nem sei se era mesmo o verdadeiro...). “Eu acho a vida maravilhosa!”. Ela abriu um sorriso e desapareceu.



Litogravura de Moureau: prostituta negra